

Neandertal e Homo Sapiens

Marcelo de Araujo

"Se um leão soubesse falar, nós ainda assim não o compreenderíamos."

– Ludwig Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*

Trinta e cinco mil anos depois, quando noticiaram o episódio nos boletins científicos da imprensa mundial, as circunstâncias daquele encontro remoto permaneciam envoltas numa teia de dúvidas. Havia poucas testemunhas. As pistas encontradas eram difusas e nem sempre consistentes. Apesar disso, Svante Pääbo insistia com a determinação de um condenado frente a um pelotão de jornalistas:

– ...os dois se encontraram. Talvez até mais de uma vez. E o que resultou daquele encontro flui ainda hoje em nossas veias: é parte do que somos agora. O alinhamento de sequências para seres humanos não apresenta nenhuma quantidade excessiva de C para T ou G para A. Esse padrão, no entanto, é desviante para a amostra VZ-403. A IUPAC não reconhece V e Z no alfabeto da genética, mas eu...

De súbito, a voz de Svante Pääbo se tornou inaudível no auditório. Todos falavam e ninguém ouvia ninguém. Era como se alienígenas, há séculos dormentes em cavernas da Sibéria, nos tivessem tomado de assalto cada célula no corpo, cada sinapse disparada numa rede de certezas.

Não se passaram muitas horas depois da entrevista coletiva e o site da BBC já anunciava em destaque: "Neanderthal genes 'survive in us'", 6 de maio de 2010. O semanário Die Zeit, com sede na Alemanha, publicou no mesmo dia: "Das Stück Neandertaler in jedem von uns". O sentimentalismo da revista Québec Science, porém, mostrou-se incompatível com a seriedade exigida pelo exame da questão: "L'amour au temps de Neandertal", 22 de setembro de 2011. Outras reportagens

não tardaram a aparecer, e então vieram mais artigos em revistas científicas, documentários, debates na TV, sermões.

Algumas pessoas passaram a condenar Svante Pääbo pela blasfêmia que tentava impor à humanidade. Quatro letras de DNA nas lascas do que sobrou de um velho osso não mudariam um parágrafo, não afetariam uma frase sequer dessa longa narrativa que se chama ser humano. A pureza de nosso passado, o triunfo de nossa espécie permaneciam incontestes. Outras pessoas, no entanto, apoiavam o cientista e se coroavam herdeiros de uma espécie destronada. Exigiam desculpas, reparações, indenizações pelo primeiro massacre de nossa longa saga. Eram muitas vozes dissonantes.

Dois anos após a primeira entrevista o candidato ao prêmio Nobel, cansado de reler as histórias absurdas que circulavam na imprensa, resolveu então quebrar o silêncio em que se refugiara e convocou uma segunda coletiva. A sede do instituto em que trabalhava amanheceu sob uma fina camada de neve naquele início de dezembro. Era inverno na Europa.

Svante Pääbo se mostrava agora mais nervoso e impaciente do que antes. Uma barba rala lhe cobria a pele do rosto disfarçando a palidez. O cientista tentava se explicar, mas não se fazia entender em meio àquele novelo de gráficos, estatísticas, diagramas, equações, funções, parábolas, e outras metáforas que apenas alguns poucos colegas, sentados no auditório, conseguiam compreender. Seu argumento era bastante simples: um outro alfabeto, ainda hoje inexistente, teria de ser criado para recontar com precisão aquela história. Havia muitas lacunas, Svante Pääbo admitia, mas nada que pusesse em descrédito a certeza das dúvidas que sua teoria levantara. Os jornalistas, porém, não davam trégua ao cientista e disparavam uma questão após a outra, indecisos sobre se acertavam ou não o alvo em que miravam. O bombardeio incluía agora a pergunta sobre o que, afinal, nos tornava humanos. Ou se a palavra ainda sequer retinha algum vestígio do sentido original.

Irritado, Svante Pääbo se levantou abruptamente deixando para trás algumas notas com detalhes de uma segunda teoria, derivada da primeira. O novo alinhamento de sequências se estendeu por quase quatro páginas e incluía agora outros símbolos, um carnaval de letras. Seu assistente, temendo pela própria carreira, se recusou a comentar o material. A legião de jornalistas parecia dessa vez ainda mais atônita do que na época da entrevista anterior. As notas, propulsionadas por um denso jato de luz, e indiferentes ao tumulto que se instaurava no auditório, continuavam se chocando contra a larga tela branca pendurada na parede:

In illo tempore o mundo era plano. Uma vasta extensão de terra, delimitada apenas pelo alcance da visão de seus poucos habitantes, era tudo que existia. A vida era solitária, sórdida, bruta e curta. Mas, para Neandertal e Homo Sapiens, havia ao menos a expectativa de poderem explorar juntos territórios até ali desconhecidos.

Neandertal já não se lembrava ao certo de quando havia chegado à planície. Mas isso não tinha importância, pelo menos enquanto fosse apenas moderada sua fome, e pudesse obter ao redor o alimento que comia. Algumas pedras que lascava eram o principal equipamento de sua magra existência. Homo Sapiens, quase sempre pensativa, era bem mais nova do que ele. Seu rosto era pintado de listras imitando a camuflagem de animais que amiúde lhe cruzavam o caminho. De sua orelha esquerda pendiam duas plumas que ela certa vez encontrara na copa de uma árvore, no interior de um ninho. Neandertal não entendia como duas penas poderiam ser mais valiosas do que os ovos que ficavam para trás. Na pressa, talvez ela tivesse confundido o amarelado da plumagem com as gemas que deixariam de comer. Outra explicação para tamanha estupidez Neandertal não tinha. Mas ele aceitava sem raiva, uma forma primitiva de respeito, a pouca inteligência da humana. Ela aprenderia mais tarde o que ele tinha pra ensinar.

Com o tempo, porém, a humana ia se equipando de um arsenal cada vez mais variado de pigmentos sobre a face e plumagens espetadas com um vigor de quase lhe perfurar a pele escondida sob o emaranhado dos cabelos. Ela urdia

planos obscuros de encantar os animais e entender o que rosnavam. Juntar-se a eles na matilha, ou se tornar um deles talvez. Ela imaginava um dia acordar na planície e contemplar seu corpo recoberto de penas. Bateria então em revoada e se esconderia bem longe nas nuvens, junto aos pássaros cujos ninhos com frequência violava.

Neandertal, contudo, era pesado demais pra voar. Seu único adorno sobre a pele crispada e suja de barro eram três dentadas num dos braços, vários cortes pelas pernas, um dedo chamuscado, e arranhões paralelos que se entrecruzavam em diagonais pela barriga e se encontravam de novo nas costas. Sem qualquer ritual ou esforço, Neandertal se via muitas vezes transformado num dos animais de seu confronto diário. Ao fugir em disparada, era fácil perceber que era ele então a presa, e não tanto o caçador. Quando corria, seus pulmões ressoavam em desespero uma rajada de palavras:

– Vrrriz! Vrrriz! Vrrriz!

A humana logo percebia o aviso e começava a correr também. Era uma frase primitiva na gramática da sobrevivência. Um jogo de linguagem surgido sem muita combinação entre os dois. Até porque, nem poderiam combinar muita coisa.

Neandertal tinha um vocabulário reduzido e gutural, diferente do léxico conjugado e declinado que a humana dominava. Ela narrava episódios que o cérebro de Neandertal, de volume até superior, nem tentava compreender. Neandertal trinava um longo: *prrrrr*, quando tinha fome antes da caça; ou *prrr*, se permanecia a fome depois. Às vezes ele grunhia um *brrh-brrh* nos dias de frio sob a chuva. Não havia palavra que balbuciasse sem a interferência de um sonoro rotacismo. Seus estalidos e ruídos mal se comparavam à fala articulada e exigente da humana narrando histórias ao cair do entardecer.

Dormindo, Neandertal ouvia com atenção os relatos da humana: histórias sobre como ela fora gerada a partir de uma costela; homens com asas que ela chamava anjos; o retorno de um mágico que ainda nem chegara; o sangue

derramado por uma nova aliança; a fome antes da ceia: a traição depois. Neandertal, porém, recostado no vão entre as pernas da humana, alimentava visões de um outro paraíso.

Uma noite, sob o crepitar de uma fogueira, Neandertal e a humana se sentavam lado a lado. Então se espreguiçaram e lado a lado se deitaram. E sem que soubessem por que, de repente era ele sobre ela, e ela sob o fascínio de um amplo céu estrelado. Neandertal aprendeu uma nova palavra aquela noite, um longo *aaah*, precedido de uma sucessão irregular de *ah, ah, ah* ofegantes. As palavras, arfadas inicialmente pela humana, foram logo repetidas por Neandertal. Foi o primeiro diálogo entre ele e ela, Neandertal e Homo Sapiens. Uma forma genuína e quase sincera de compreensão mútua. Talvez por isso, presumem hoje alguns linguistas, nos alfabetos grego, latino, e mais tarde no cirílico também, a primeira letra seja o alfa, oriunda do aleph, a letra *ah* em todas as variações.

Neandertal se dedicava de tal modo à lição daquela noite que à humana com frequência retornava:

– Ah, ah, ah. Aaah? – perguntou ele uma noite ansioso.

Mas ela era humana em cada fala proferida e respondeu logo de pronto:

– Ah-ah.

– Prr... – ele quis argumentar, desconcertado com aquela repetição de palavras e confusão de sentidos.

Mas Neandertal, ainda que pudesse, não completaria aquela frase. Surgiram em bando, por detrás de algumas árvores, predadores até então desconhecidos. Não tinham garras ou presas que lhe pudessem dilacerar a carne, nem se ouviam deles rugidos que o enchessem de pavor, mas as lanças que empunhavam, com penas eriçadas nas pontas, voavam zunindo, famintas ao seu encontro.

– Vrrriz! – ele ainda gritou, mas apenas uma vez.

Submergiu em seguida entre os arbustos da planície.

Na manhã do dia seguinte chovia, e na do terceiro também. "Brrh-brrh", Neandertal murmurou. Esfregava contra o peito as mãos que não paravam de tremer. Ele tentou acender uma fogueira, mas já não conseguia produzir chama alguma. As pedras pouco lhe serviam para isso. Neandertal faiscava de raiva ao registrar a sua dor. Nem ele compreendia o que escrevia, mas era seu modo de narrar à humanidade a solidão naqueles dias de incerteza. As lascas de sua raiva iam se espalhando pelo chão como palavras em um alfabeto de pedras.

Alguns anos se passaram e a planície que Neandertal e Homo Sapiens um dia habitaram viu surgir uma de nossas vilas mais ancestrais. Muitas pegadas humanas, fossilizadas em trajetórias sinuosas, parecem retrair uma espécie de dança, um rito de comunhão, o resto de uma ceia preservada na rocha, uma forma de traição que Neandertal não conseguia compreender, nem saberia narrar.

Legiões de jornalistas e arqueólogos passaram a explorar, agora trinta e cinco mil anos depois, cada palmo do local, oculto sob o que restou da planície. Mas Neandertal – Svante Pääbo teve de admitir resignado numa última entrevista ao final de sua vida – nunca foi visto por lá. Até o momento nos escapam evidências mais confiáveis, novas letras e linhas, vestígios reminiscentes do final daquele encontro entre os dois.

* * *

Marcelo de Araujo é escritor e filósofo. Doutorou-se em filosofia pela Universidade de Konstanz, Alemanha. Professor de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Realizou pesquisas de pós-doutorado em ética na Universidade de Oxford e na Universidade de Konstanz. Publicou dois livros sobre o filósofo René Descartes, e um sobre Dom Pedro II. Publicou também diversos artigos acadêmicos nas áreas de ética, filosofia política, e filosofia do direito, além de textos não acadêmicos e de ficção em revistas e jornais de ampla circulação.

Site do autor: www.marcelo-de-araujo.blogspot.com.br